

Congresso examinará medidas esta semana

O Congresso será convocado extraordinariamente até a próxima quarta-feira para votar as novas medidas econômicas baixadas pelo Presidente da República, através de medidas provisórias. Ao encerrar a sessão do Senado da manhã de ontem em que foi eleito novo presidente da Casa, o senador Mauro Benevides pediu que seus colegas permanecessem em Brasília, uma vez que o Congresso entrará na sessão extraordinária por imperativo constitucional.

As medidas provisórias foram publicadas na edição de ontem do **Diário Oficial** da União. Nos termos do Artigo 59 da Constituição, até cinco dias após a publicação das medidas provisórias o Congresso terá de se reunir extraordinariamente para delas tomar conhecimento, se não estiver em período de sessão normal.

As avaliações passadas ao Governo por lideranças políticas indicam que não será tranquilo o primeiro teste nas relações entre o Planalto e o novo Congresso: a votação do pacote econômico será mais lenta e perturbada do que gostaria o Governo, com falta de apoio entre congressistas à direita, enquanto a esquerda deve votar a favor mas com questionamentos.

“Seria mais fácil se a votação fosse com o velho Congresso”, respondeu o senador Fernando Henrique Cardoso à ministra Zélia Cardoso de Mello no momento em que ela pediu-lhe uma avaliação sobre a votação.

Se o prazo de duas semanas está fora da cogitação dos políticos, inclusive pelo recesso de Carnaval nos próximos dias, o Governo deverá ainda trabalhar para remover dois outros obstáculos à aprovação fácil das medidas econômicas:

1. A disposição dos novos parlamentares em impor suas

ideias próprias já no primeiro teste que enfrentam no Congresso.

2. A dificuldade para o Governo mobilizar seus aliados tradicionais no Congresso, inclusive suas lideranças, que são mais conservadoras do que o pacote.

O propósito do ânimo dos deputados e senadores que estreiam o mandato, recorda Fernando Henrique Cardoso a série de desencontros iniciais na Constituinte, há quatro anos, quando os novatos ainda trabalhavam com a hipótese de impor propostas individuais.

O senador acredita que a tramitação do pacote pelo Congresso seria mais fácil com os velhos políticos, mesmo porque ninguém ainda sabe o perfil coletivo que vai emergir da nova Câmara, renovada em 63 por cento dos deputados. Mas a ministra acredita que colocar o novo choque na economia diante do velho Congresso seria uma precipitação cronológica, pois as medidas deveriam ficar para fevereiro.

O mais grave, porém, está na dificuldade para o Governo mobilizar seus aliados tradicionais. “Eu quero que eles danem-se...”, exaltou-se em termos ainda mais fortes o líder do PFL na Câmara, o pernambucano Ricardo Fiúza, contra as medidas do pacote, muito à esquerda para o seu gosto pessoal e os interesses empresariais que costuma defender, enquanto caminha para os trilhos fora do Governo.

Exatamente por isso, Fernando Henrique Cardoso acredita na conveniência de uma aliança entre a esquerda e o centro para aprovar as medidas depois de um processo de questionamento em alguns pontos. “Se o pacote não der certo e a Zélia cair, o novo ministro fatalmente virá com propostas ortodoxas”.